

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.



CHRONICA DOS SALÕES.

Minhas boas amigas, foi tal a quantidade de bailes, reuniões e divertimentos havidos na semana finda que não sei como fazer-vos de tudo uma narração exacta e bem coordenada. Demais, faltou-me mencionar-vos, no domingo passado, dous brilhantes bailes, cuja noticia eu tinha, porém dos quaes recebi tarde as informações minuciosas para que as pudesse transmittir ás minhas leitoras no artigo respectivo.

Um delles teve lugar no dia 15 do corrente, em casa do Exm. visconde da Estrella; onde, fui informada, os olhos dos convidados tinham a vista confusa no meio do brilho das pedras preciosas, das sedas e das immensas luzes dos salões ricamente adornados. Foi servida em hora conveniente uma esplendida ceia onde bem se deixava ver o bom gosto dos dignos hospedes, cuja amabilidade encheu de satisfação a todas as pessoas que se acháram presentes.

Na noite de 15 houve outra brilhante companhia em uma casa da praia do Botafogo, na qual a riqueza e apurado gosto bem deixava conhecer a nobreza dos hospedes, cujo titulo sempre se pronuncia com respeito. Foi motivo desta companhia o anniversario natalicio da Ex.^{ma} Sra. marquez de Abrantes.

Na noite de 17 começaram os bailes mascarados. Não sei como fazer-vos a narração de todos os que tiverão lugar.

As sociedades *Campastre* e *Phil-Enterpe*, derão nessa noite os seus sarraós de fantasia que foram muito concorridos, notando-se não só trages a caracter mui elegantes, como riquissimos e valiosos vestuários e adornos na maior parte das amaveis e bellas damas que nelles comparecerão.

Consta-nos tambem que houvera uma reunião de igual natureza, no domingo, em Catumbay na residencia de um illustrado e distincto cavalheiro, que sabe com todo o esmero bem acolher os seus hospedes.

No Paraiso, nos theatros de S. Januario e de S. Pedro de Alcantara, em Nictheroy e em Petropolis houverão os costumados bailes publicos.

Ainda mais difficil me é escrever-vos a extraordinaria concorrencia havida nas tardes de domingo e de terça-feira no Passeio Publico, a procissão das *Summidades Carnavalescas*, e finalmente as amendoadas e as flores substituindo os limões e laranginhas de entrudo pela primeira vez nesta cidade.

Foi realmente um espectáculo interessantissimo, cheio de novidade e muito animado em toda a cidade. Vós mesmas, a quem agora me dirijo, vistés o continuo tranzitar de mascarados ricamente vestidos; que passejavão uns a pé, outros montados em lindos cavallos, outros em ricas e bem ornadas carruagens: uns sós, outros em pe-

quenos grupos, outros em esplendidas procissões precedidas por bandás de musica: uns afitrando flores, outros confeitos e amenduas ás bellas que guarnecião as ruas, formando nas janellas uma não interrompida galeria.

Seria difficil determinar qual foi o mascarar que com mais riqueza e gosto se apresentou nesses dias; mas julgo que todos concordão em conceder ás *Summidades Carnavalescas* as horas deste carnaval, que particularmente lhes pertencem, não só por serem os primeiros que promoverão este genero de divertimento, como pela propriedade dos costumes que tomãrão e sobretudo pela riqueza de todos os vestuários de sedas e velludos bordados a ouro e a prata.

Na tarde de terça-feira, quando esta sociedade compareceu na varanda do Passeio Publico, foi tal a affluencia de povo que ahi se apresentou, que muita gente não pôde subir porque as escadas estavam completamente tomadas, e eu mesma que estava em cima com a minha familia tive necessidade de subir para os assentos que guarnecem a extensa varanda para poder vêr os immensos mascarar e livrar-me dos apertos que se soffrião.

Maior foi ainda o numero de pessoas que concorrêrão ao salão do theatro de S. Pedro, onde, seguindo ouvi dizer por varias pessoas, se reúnirão cerca de sete mil pessoas. Alguns cavalheiros me assegurãrão que não puderão chegar ao meio do salão; e consta que grande numero se retirou antes de entrar, e outros pouco se demorãrão no baile por não poderem tolerar os apertos e o calor que sentião. Neste ultimo baile apresentãrão-se as *Summidades* em camarote com o seu estandarte, e merecêrão ahi a attenção e applausos geraes. Sabemos que á meia noite lhes foi servida uma esplendida

ceia, a qual concorrêrão algumas pessoas convidadas, que forão ahi tratadas e servidas pelas *Summidades* com toda a urbanidade e a maior delicadeza propria dos cavalheiros que compõe a digna sociedade.

Pelo que observei este anno por accasão do Carnaval, parece que se pôde considerar extincto e para sempre proscripto o velho entrudo com as suas brutaes caldeiradas d'agua e jogo de limões, de laranjas, e com todos os demais objectos que fazião parte do material deste divertimento. Espero que no proximo anno, o gosto dos mascarar será mais geral e tão delicado como o das *Summidades Carnavalescas*; que as elegantes senhoras da nossa sociedade tomarão lindos disfarces para passeiar em suas carruagens; que os confeitos e as flores serão preparadas com mais antecedencia para esses dias de alegria geral na cidade, e os quaes se passarão com tanta paz e serenidade como aconteceu neste anno.

Terminando este artigo cabe-nos pedir ao *Congresso Carnavalesco*, que servindo-se da influencia que adquiriu, empenhe esforços para que o Passeio Publico seja previamente preparado para este divertimento, ou que por meio de uma companhia se forme em alguma praça (como a da Constituição) um parque para as corridas das carruagens dos mascarar, ou algum outro logar seja indicado para onde possa affluir o povo nos dias de carnaval.

O mão tempo não permittiu que na quarta-feira tivesses logar a procissão de Cinza, a qual ficou transferida para hoje; e a ella assistireis com toda a contricção imposta pelas virtudes christãs que adornão vossas candidas almas.

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 7.)

VII.

A estrella.

Amor cruele è brioso!
Mal haya la tu crudeza
Pues non faces igualeza
Scyendo tan poderoso.

ROMANERO.

Havia dons dias que a pobre Jarilla esperava Roman na fonte dos loureiros. Mulher enamorada que já tens aguardado na solidão o escolhido do teu coração, tu só podes comprehender o que Jarilla soffreu, perdida a esperança!

Ainda fazia luar no dia em que Roman pro-

mettêr vir á fonte dos loureiros, quando Jarilla se ergueu, cuidando assim que as horas corrião mais breve. Os campos estavam encharcados da chuva e teve que trepar a umas pedras a tremer de frio. Cruzou os pés molhados, envolvendo-os na sua do vestido, e poz-se a olhar para a *Madre del Sol*, que é como se chamava a *serra do oriente*. Esteve se recordando de quando passara no dia antecedente, e por termo de suas largas meditações beijava a *estrella de ouro*, que é tambem o nome que demos ao *acicate de Roman*. Deu de comer á sua vaquinha um punhado de feno; deitou umas sementinhas ao pé de dous ou tres sobreiros, em cajos troncos puzera um signal, e depois tornou-se para a casa cuja descripção não queremos omitir.

Regio, por um resto de magestático orgulho, procurára dar á sua habitação a apparencia de um castello, levantando duas torres com troncos de robles que aguentavam o portico. Entrado este dava-se n'um amplo pateo povoado deromeiras e amendoeiras, em torno do qual havia seis a oito columnas de barro que dividião outros tantos aposentos acanhados e escuros. No topo havia um quarto mais amplo a que Regio chamava o *Mexuar*, em cujas paredes estava pintada com grosseiras côres, uma das batalhas que os mouros ganháram aos christãos nos memoráveis campos de Jerez. A um canto do *Mexuar* via-se uma arca de ferro, em outro uma mesa com immensidade de manuscritos, e pendurado n'um prego á altura do tecto, um rico mas desbotado turbante, e uma facha de seda.

Os familiares de Regio erão unicamente o Barbellido e o Morro, e uma velha moura que servia Jarilla.

Jarilla entrou a tomar a sua frugal refeição da manhã, mas de repente occorreu-lhe ter esquecido o quer que era na ribeira, e sahio a passos rapidos.

Chegou ao pé de um carvalho mui velho e carcomido, confundido entre um grupo de outras arvores e ajoelhou-se, depois de haver mirado tudo em torno, como receando que a vissem. Fôra aquella a primeira manhã que, embevecida em seus amores, dilatára o cumprimento de uma pratica que sua mãe lhe havia ensinado. No interior daquella arvore devia de haver sem duvida alguma santa reliquia!

Ao meio dia voltou á grutasinha com a esperanza dexubada no rosto, e começou de renovar a sua camilha de flores por detraz da madre-silva, por cujo verde rendilhado se avistava grande parte do valle. Um freixo que nascera cerca da fonte, havia crescido e floreado com tanta profusão e louçania de folhas, que abraçava com seus concavos ramos todo o ambito da fonte, e as floridas silvas enlaçando-os e trepando até á copa da arvore, e dahi descaindo até mergulhar na superficie christalina, completavam á obra de uma gruta sombria, humida e deliciosa, onde reboava o gorgear dos passarinhos que ali tinham seu ninho. Jarilla sentou-se, contemplou a agua, contemplou a verde aboboda, ergueu os braços para os ramos donde sahia o meigo arrulhar das avesinhas, agitou varias vezes com sua linda mão o crystal da fonte, e depois de doce contemplação, exclamou com balbuciantes palavras: Roman! Roman! vem... oh! não tardes!

E o sol começava de penetrar fortissimo na grutasinha, e as flores que cahião sobre a cabeça de Jarilla exhalavam um perfume que embriagava a donzella. Cortou Jarilla um raminho, pôl-o no peito, e repetiu: Roman! vem... oh! não tardes!... e ninguem lhe respondia!

Mulher enamorada, tu que na soledade já aguardaste o escolhido do teu coração, tu só podes comprehender a anxiedade de Jarilla!

Porém Jarilla não duvidava. As almas que a paixão domina, nunca duvidão. Em meio do abandono e do infortunio creem na felicidade; morreu-lhe a esperanza, e esperão contudo!

Porque não havia de Jarilla ver naquella deliciosa gruta ao seu amante, quando Deos a havia dotado de tantas graças e de tanto amor para tornar venturoso o seu companheiro!

Esta é a enganosa logica dos corações ingenuos, que julgam as cousas como deverão ser em seu primitivo estado, e não como são. Jarilla ouvia as andorinhas namoradas e alegres por entre os ramos da arvore, e imaginava, por um instincto de justiça, que Deos não podia negar-lhe a ventura que concedia aquellas.

Jarilla ignorava que além das montanhas havia homens que escravizão os outros homens, politicos que dispõem a seu bel prazer das alheias vontades, uma fidalga — que abusa da docilidade de seu filho, e uma portúguezza que reclama os seus direitos... Jarilla julgava que todos os corações erão livres como o seu coração; e por isso esperava o seu amante.

Já o sol, porém, se havia sumido no horizonte, e elle se apparecer!

Desatou a chorar. De repente ouve uns passos vagarosos. E' elle, bradou, sahindo rapido da grutasinha... e era uma corça que ia matar a sede ao arroyo.

No dia seguinte succedeu o mesmo, e já a pobre Jarilla se entregava á desesperação, quando viu o Barbellido e o Morro que atravessavão o valle, montados ambos em um cavallo que conheceu logo.

— Que fizeste do que montava esse cavallo? gritou a filha do rei mouro, furiosa.

— Foi-se em paz, respondeu Barbellido.

— Ai de ti, se o mataste! Mandava-te queimar como uma estêva... Larga esse cavallo, e vai-te embora...

Obedeceu Barbellido e seu companheiro, e Jarilla atou a espora ao pescoço do corcel, convencida de que aquella estrella o guiaria ao encontro do seu dono.

— Vai, disse, abraçando-o pelo pescoço e beijando-o na cabeça, procura teu dono e trazem-n'o aqui antes que as andorinhas fujão, e que as rosas brancas murchem.

Eu amo-o mais do que a minha vaquinha preta, e que o bello ninho de garças reaes que tenho lá na ribeira, e que a trepedeira de campainhas azues que me nasceu na fonte dos loureiros. Diz-lhe, que sem elle, não quero nem gruta, nem passaros, nem flores. Diz-lhe que já não posso dormir ao pé do regato, porque estou sempre em sobresalto á sua espera. Diz-lhe finalmente, que venha depressa que quero tê-lo sempre ao pé de mim.

E deu uma palmada no lombo do cavallo, e subiu-se a um penedo para ver reluzir a estrella.

Muito tempo andou a estrella vagueando pelos verdes campos, e deixou de fulgurar quando anoiteceu.

No dia seguinte viu-a Jarilla sobre uma collina, estendeu os braços, a chorar, e repetindo o nome de Roman. Porém o cavallo espantou-se ao passar junto de um grupo de pastores, e desatou n'uma tão rapida carreira, que em pouco tempo o perdeu de vista.

Pobres das mulheres que amão com a sincera fé do coração!

(Continúa.)

POESIA.

INSPIRA-ME... QUE EU CANTO !..

A' O.....

A ti meus cantos,
A ti que és só quem minha dor acalma
A ti minha querida,
A ti que com dulcíficos encantos
Harmonizas as cordas de minha alma,
E das summo prazer á minha vida!..

Alma dest'alma repara
Quanto te ama o peito meu,
Repara quanto me alegre
Um sorrir de labio teu;
Repara como contigo
Sente o peito almo prazer,
Como os avidos meus olhos
Teus olhos procurão ver!

Repara como contemplo
De teu peito o arfar mimoso;
Só póde tua ternura,
Ah! tornar-me venturoso!
Repara como te busco
Ardendo em fogo violento;
Por ti me abraso de amor,
Tu és o meu pensamento!

Para a minh'alma é mais grato,
De teus labios um só riso,
Que as venturas de que gosão
Os anjos no paraíso...
É teu peito minha lyra,
Teus cabellos cordas são,
Tua voz a melodia,
É tua a minha canção.

Ah! se não queres que estalem
As cordas da minha lyra,
Dá uma idéa de amor
A quem só por ti suspira;
Dá-lhe ao menos uma prova
De ternura ou de afeição,
Que ella morre, coitadinha,
Se não dás-lhe inspiração!...

B. J. B.

A' UM LENÇO.

Pela ventura de um lenço
Quizera a vida trocar,
Se de Alina o terno pranto
Me fôra dado enxugar.

As perolas da ternura
Carinhoso recebêra;
E por matar-lhe os tormentos
O pranto amargo bebêra.

Bebêra o fêl da saudade
Que de seus olhos corresse,
Se em premio de meu serviço
Um riso Alina me desse.

S.

A seguinte poesia pertence á nova modinha Brasileira do professor Joseph Fachinetti, cuja musica hoje offerecemos ás nossas amáveis assinantes.

2ª

De noite eu a via na face da lua
Que langue corria na esteira do Céu,
Souhava-a demente na meiga estrellinha,
Que a bruma sombria velava de um véo.
De dia mirava-a no lago sereno;
Que os raios cadentes do sol reflectia;
Nas nuvens delgadas que aurora fagueira — bis
Com tintas divinas do Céu coloria.

3ª

De tantos extremos, loucuras tamanhas,
De tantos amores que n'alma sagrei-lhe,
Dos dias acerbos curtidos em dores
Que em peito de bardo constante votei-lhe;
Que deu-me a perjura? Sorrisos mentidos,
Olhares fallaces que um peito illudião,
Que só vil perfidia dictava essas phrases, — bis
Que os labios fingidos da ingrata dizião.

4ª

Agora em silencio só curto pezares
De haver intentado domar essa fêra,
E o odio mais puro, mais agra ironia, — bis
Troquei pelos cantos, que outr'ora lhe dêra.

Repete-se o n. 4.

AMEI HUMAVIRGEMDE FACES DE NEVE

Poesia do Sr. L. Meiga.

MODINHA NOVA BRAZILEIRA

pelo compositor Joseph Fachinetti.



Allegreto Comodo

CANTO

PIANO

The first system of music shows the vocal line (CANTO) and piano accompaniment (PIANO). The vocal line is in treble clef with a key signature of two flats and a 3/4 time signature. The piano accompaniment is in bass clef with the same key signature and time signature. The tempo is marked 'Allegreto Comodo'.

The second system of music continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line begins with the lyrics 'A -- mei uma vir -- gem de'.

The third system of music continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line begins with the lyrics 'fa -- ces de ne -- ve De col -- lo de cis -- ne de a -- mo -- res ar -- den -- tes De'.

The fourth system of music continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line begins with the lyrics 'ne -- gra ma -- dei -- xa das ves -- tes da noi -- te De ri -- sos fa'.

quei-ros de o-lha-res lan-guen-tes. A mei-a, tão lou-co queo a mór que he



da-va Do céo era o hymno mais pu-ro pie-do-so Cru-en-tas vi-



gi-lias e in-somnias do-ri das por o-lhos tão bel-los, sa-grai a-mo-



ro-so Cru-en-tas vi-gi-lias ein som-nias do-ri das, por o-lhos tão



bel-los sa-grai a-mo-roso. DC



A IRMÃA DE CARIDADE.

(Continuado do n.º 7.)

Cinco annos se passarão assim. Alexis e Clemencia não tinham filhos de sua união. Não ouviam lastimar-se disso, e pelo contrario se felicitavam; pois mesmo antes de nascer os seus filhos estavam condemnados ao desterro. Sabeis, talvez, que todos os condemnados estão sujeitos a uma activa vigilancia, e que o imperador recebe informações detalhadas a respeito de cada um delles. A dedicação de Clemencia lhe moveu o interesse, e o dispoz favoravelmente para com Alexis Kislof. A familia deste redobrou de esforços, e por fim conseguiu-se o perdão para o proscripto. O Czar o mandou voltar para a Europa, restituiu-lhe sua posição e seus bens, contentando-se em prohibir-lhe a residencia em S. Petersburgo e em Moscow.

Imaginal o prazer extremo de Clemencia. Todavia ella sentia com alguma inquietação os transportes de seu marido. Elle soffria pois muito no exilio, pensava ella, visto que a noticia inesperada de sua retirada o lançava em um tal delirio! Ella deixou quasi com pezar essa miseravel cabana onde vivêra cinco annos, amada e feliz. Entristecia com a idéa de que outros prazeres, além do seu amor, fariam desde então a felicidade de Alexis. Ah! é mister que no coração mais dedicado, na maior abnegação, entre sempre algum egoismo!

O conde e a condessa de Kislof a receberão como sua filha. Davão-lhe mesmo algumas vezes este nome quando estavam sós, e quando lhe recordavam todos os seus soffrimentos. Dir-se-hia que elles lhe perdoavam este titulo em attenção ao quanto lhe havia elle custado. Pobre Clemencia! Não era ainda chegado o termo de seus desgostos! Alexis, festejado pelas ricas familias da visinhança, a desprezava. Quando se esvaecerão a primeira curiosidade e a primeira admiração, ella se viu pouco a pouco solitaria em seu aposento. Tinha-a accitado como a mulher de um proscripto, mas não para mulher do nobre conde. Começavam a envergonhar-se della, que se lhes tornava um incommodo, um embaraço. Ella o perbebeu, e isto a revoltou. Ao principio procurou ella um apoio no amor de Alexis, refugiou-se nesse coração que devia pertencer-lhe todo. Desgraçada! Achou-o fechado. A ternura e o reconhecimento haviam desaparecido d'elle, e a ambição os tinha substituído. Entretanto Alexis prodigalisou-lhe ainda alguns protestos, algumas promessas, vãs palavras que tiverão a propriedade de conter os receios de Clemencia. Um raio ia despartal-a.

Um dia disserão-lhe que ella não era mais a mulher de Alexis Kislof, que o seu casamento havia sido declarado nullo, e que devia abandonar um titulo que não lhe pertencia.

— Cobardes! exclamei eu interrompendo.

— Não é, senhor, replicou soror Santa Geno-

veva, não é isto ser cobardes e mostrar-se mais crueis do que o desterro e os supplicios da Sberia?

— Sim; elles erão cobardes por abusar de sua credalidade e da fraqueza de uma pobre estrangeira. Suas lagrimas, seu desespero, nada pôde commovel-os. O proprio Alexis, o objecto de um amor tão profundo e tão verdadeiro, se havia afastado para poupar-se a penosas lutas. Tanto temia elle deixar-se vencer e não ser mais forte do que a sua consciencia! Tratava-se de um rico casamento para elle. A mulher que se lhe offerencia trazia em dote não sei que immensos dominios nas margens do mar Negro. O que erão, em comparação com estes titulos, os titulos da desgraçada Clemencia? Os serviços que ella havia prestado, seus cuidados, seu amor, não podião pagar-se com ouro? Assim o julgáram sem duvida, e forão generosos. Propuzeram-lhe uma somma consideravel; mas exigiu-se ao mesmo tempo que ella voltasse para o seu paiz.

— Seu paiz? Tinha-o ella?...

— Pois hem! dizei, senhor, que terieis vós feito em seu logar?

— Que teria eu feito! Teria rejeitado essas vergonhosas offerias; teria appellado para as leis, e mesmo para o tribunal do imperador. Teria coberto de confusão e de vergonha essa raça de cobardes e ingratos.

— Ella o podia fazer sem duvida: e se sua queixa houvesse chegado ao Czar, este, em sua indignação, teria talvez revogado o perdão que com tanta difficuldade lhe havia concedido. Mas ella pedia justiça e não vingança. Dirigia-se ao coração de seu marido, e não aos tribunaes. Fatigar os juizes com queixas inuteis, disputar á iniquidade e á corrupção um titulo que lhe pertencia perante Deos, obstinar-se em conservar o seu logar no seio de uma familia que a repellia, eis o que ella não quiz.

— Que lhe importavam os juizos dos homens? Tudo estava acabado para ella. A sua vida era o amor de Alexis.

— Retirou-se, pois, do castello dos Kislof, mais pobre do que para ali tinha entrado seis annos antes: refugiou-se em uma cabana dos arredores, e dahi ouviu o motim das festas e dos regozijos que celebravam o casamento do joven conde. Deos lhe deu forças para não murmurar contra a sua providencia: rogou mesmo pela felicidade daquella a quem ella se havia consagrado, e que a abandonára; mas era muito para uma fraca creatura. Este spectaculo a teria morto, e além disso ter-lhe-hião disputado até mesmo o asylo que a recebia. Uma noite approximou-se furtivamente do castello, e despediu-se, derramando muitas lagrimas, dessa morada que lhe não devêra ter sido fechada.

Ella voltou para a França. Deus, que a tinha conservado em provações, a recebeu ao seu serviço. Suas recordações perdem diariamente alguma cousa do quanto são dolorosas; e, como vos dizia eu ao principio, ella não esqueceu, porém perdou.

Soror Santa Genoveva abaixou a cabeça, e eu vi uma lagrima tremular na borda de sua palpebra.

— Minha irmã, lhe disse eu com olhar expressivo, essa Clemencia, cujas desgraças me contaes, que é feito della? Não traja ella os

habitos que vós trajais? Não se dedicou, como vós, aos que soffrem? Não a conheço eu?

Ella se desviou sem me responder. Meu coração estava commovido por uma doce piedade.... Tanto infortunio reunido a tanta resignação!

— Pobre Clemencia! murmurei com voz enternecida.

Ella repetiu fracamente.

— Pobre Clemencia!

T. COQUILLE.

EDUCAÇÃO DO SEXO FEMININO.

(Continuado do n. 4.)

No nosso antecedente artigo fizemos muitas succintas considerações sobre os vícios, ou antes sobre o máu systema de educação da mulher no nosso paiz, sendo evidente que nos referimos sob este titulo á parte instructiva também.

Se compararmos a mulher da sociedade actual com a de cincoenta annos passados bem clara nos será a differença que ha de uma á outra. Esta vivia euclausurada voluntariamente dentro de estreitas rotulas, entregue apenas aos serviços domesticos que partilhava com a turma de escravas que a cercavão, e mal sabia ler e escrever, sem haver nunca adquirido a mais ligeira noção de geographia ou de alguma lingua estrangeira que sempre ouvia com admiração. A historia lhe era uma cousa incomprehensivel e admiravel, da qual conhecia trechos inteiramente fabulosos, dictados pela mais ridicula superstição e acreditados pela mais pueril e estúpida credulidade.

A parte moral e religiosa era dictada pelo fanatismo e acceita pelo temor do castigo, sem fé nem mesmo raciocinio ou bom senso que a fizesse seguir seus dictames como facto de consciencia. A virtude era portanto, na mulher, o effeito do temor do castigo do crime; a moralidade era a consequencia da creença no fanatismo.

Hoje, porém, que a educação do sexo feminino se tem tornado mais ampla e mais geral: agora que os homens tem melhor comprehendido a sua conveniencia social e familiar illustrando a mulher, e infundindo-lhe os sentimentos de virtude e de moral pelo que elles são em si mesmos, não é o receio da punição que abstem da pratica dos delictos, é sim a consciencia intima da dignidade do nosso sexo e de nossos deveres para com Deus e para com a sociedade inteira que nos illumina a senda que trilhamos.

Não queremos com isto negar á nossas antepassadas todas as virtudes conscienciosas que as adornarão; mas nos persuadimos que a sua pra-

tica era filha mais dos exemplos recebidos e do medo incutido nos animos do que da convicção e da intelligencia: e ninguém ignora que a pratica dos actos praticados pela convicção racional não podem ser tão facilmente mudada pela linguagem da seducção.

De quanto temos dito pretendo concluir que a moralidade social e a pureza dos costumes tem tido desenvolvimento.

Entretanto devo confessar que a instrucção dada geralmente ao sexo feminino não é ainda tão solida e variada como convém ao brilhantismo de uma nação como a nossa, que caminha para um futuro brilhante, segundo o affirmão os entendedores. Seria para desejar que as meninas fossem, primeiro que tudo, obrigadas ao estudo grammatical e orthographico da lingua nacional; que aprendessem dous ou tres idiomas estrangeiros (sobretudo o francez e o italiano) de modo que os soubessem com perfeição, que soubessem bem a geographia e a historia sagrada; e finalmente, que tivessem algumas noções da historia profana, e com especialidade da historia nacional.

A par destes estudos as prendas de agulha, o desenho e a musica deverião completar a educação de qualquer senhora. Entretanto vejo que as meninas sahem dos collegios ignorantes de sua propria lingua, tocando no piano algumas peças sem saberem musica, com muito ligeiras noções da lingua franceza, porém mostrando-se instruidas dos enredos de muitos romances, cuidando nos galanteios e adornos que fação sobresahir a sua belleza nos salões concorridos onde ellas se apresentão, e onde procurarão mover o interesse do romantismo mal comprehendido, e estragando muitas vezes o bello espirito e admiravel talento, que, dirigido em uma instrucção conveniente, seria o polido de um diamante de preço inestimavel.

Para que isto se consiga pouco é necessario. Basta que o nosso governo olhe com mais interesse e attenção para as habilitações das pessoas que se dedicão ao ensino de nossas filhas;

rue exija a assistencia de professoras e professoras illustradas nas cadeiras de ensino dos collegios de meninas, e que lhes dê mesmo regulamentos e indique o systema de ensino.

Os destinos da sociedade dependem da mora-

lidade dos homens; e esta provém em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrucção das mães de familia.

Baroneza de ...

DIFFERENTES IDADES.

De um velho jornal, cujo titulo e data o tempo dousou-nos occulto, extrahimos o seguinte, que por ter o seu que de curioso, fazemos remocar, e o apresentámos aos olhos de nossas benevolas leitoras.

« Creado o mundo, veio Jupiter visitar a terra, para dar leis aos animaes e determinar-lhes o tempo certo de vida.

Encontrou primeiro um jumento, a quem disse:

— Creei-te para servires em tudo ao homem; e assim andarás dia e noite arreado, e em continuo trabalho debaixo de suas ordens; para isso o tempo de vida que te concedo são trinta annos.

— Appello para V. M. Divina, replicou o jumento; para tantos trabalhos, contento-me só com dez annos.

— Concedido, disse Jupiter, e foi continuando.

Encontrou depois um cão, e disse:

— Creei-te para servires de fiel guarda das casas, jardins e gados do homem; outhorgo-te trinta annos de vida.

— Para vida tão cançada, Senhor, contento-me só com dez.

— Vive, pois, dez annos, lhe disse Jupiter.

Encontrou depois o macaco, que á soalheira se coçava cuidadosamente; e sentindo o tropel da Magestade, subiu ligeiro a uma arvore.

Jupiter o chamou, e lhe disse:

— Creei-te para servires de mofa e zombaria ao homem; e como és por condição maldoso e perverso, estarás amarrado a um cepo.

— O macaco, entre muitos tregeitos e carantombas, lhe pediu tambem só dez annos, que Jupiter lhe concedeu.

Encontrou logo o homem, a quem disse:

— Sabes que te creei para gozares no mundo de eodos os regalos e delicias, para teres summa liberdade, e governares todos os animaes que te submetto: para isso gozarás de trinta annos de vida.

— E' pouco, Senhor,—lhe disse o homem:— é mui pouco para tanta felicidade. Digne-se pois V. M. conceder-me mais tempo.

— Ser-me-hia isso impossivel, que o Destino o não quer: porém como posso dispor de 60 annos, por isso que tres animaes hão desistido de vinte cada um, eu t'os concedo, ficando tu assim com uma bem longa vida.

E assim aconteceu.

Até aos trinta annos de idade vive o homem alegre, jovial e saptisfeito; entregue á todos os prazeres da vida: são seus proprios annos.

Dos trinta aos cincoenta, idade que cedeu o jumento, carregando para sua casa, trabalhando para sustentar a familia etc., e fazendo todos os serviços, quaes os deste animal.

Dos cincoenta aos setenta, vem a idade cedida pelo cão, e com ella a avareza e rabugem, que lhe são proprias.

Dos setenta aos noventa, idade que o macaco cedeu, vive o homem em estado de verdadeiro mono, pu orang-otong, preso á um bordão, e fazendo monices proprias deste animal.»

Joséfon.

BOLETIM MUSICAL.

Pouco temos para dizer-vos, queridas amigas, sobre a materia deste artigo, porque metade da semana esteve consagrada ao Carnaval alegre e animado, e os seus ultimos dias tem sido empregados em fazer a resenha dos acontecimentos desses tres dias de delirio, ou em acalmar as imaginações exaltadas pelos mascarás, dominós, flores e confeitos, e até mesmo pelo calor extraordinario que se sentiu no ultimo dos bailes havidos no theatro de S. Pedro, onde se reuniu maior numero de pessoas do que a casa admittia.

Cumpre dizer, que ahi se tocárao muito bo-

nitas quadrilhas, valsas, polkas, etc. Enquanto este theatro merecia as honras da geral concorrência, o Provisorio dormia solitario no campo de Santa Anna, sonhando o bello espectaculo que nos deu na noite de 22 do corrente, com execução admiravel.

O annuncio de ser representada nessa noite a Linda de Chamounix atrahiu tão grande numero de dilettanti que foi geral a enchente, tanto mais que já constava que seria magnifico o desempenho. Com effeito é para nós um tanto difficil distinguir qual dos cantores desempenhou

com mais perfeição e interesse a sua parte, pois que nos parece que fez cada um delles quanto podia para conseguirem todos igual partilha nas honras da noite.

O primeiro acto havia já corrido de modo a excitar o enthusiasmo do auditorio, quando no principio do segundo foi a Sra. Chartou victoriada com uma chuva de flores e extraordinaria quantidade de ramos e corôas delicadas. Neste acto a insigüe artista tocou ao sublime em sua transição para o delirio, e mostrou todá a força do seu genio dramatico. A Sra. Casaloni não foi inferior em todas as scenas de sentimentalismo: e, posto que não fosse a sua parte de tanta execução, deve orgulhar-se de que ninguem desempenharia melhor do que ella o papel que lhe foi confiado.

Os Srs. Bouché, Ferranti e Labocetta primário na execução de suas partes. O Sr. Bouché foi sublime na scena da maldiça que causou o delirio. Foi esta noite tão feliz para o theatro Provisorio, que mesmo o côros estiverão perfeitamente desempenhados.

Findo o spectaculo houve ainda uma scena de enthusiasmo naqual tomáráo parte espectadores e artistas. As senhoras que guarnecião os camarotes não se havião retirado da frente logo que desceu o panno, como é costume, e o povo que enchia as cadeiras e a platea, levantando-se, sem

se mover para retirar-se, chamou á scena toda a companhia, que appareceu pela primeira vez em scena formando o mesmo grupo que havia terminado o spectaculo; descendo, porém, o panno que havia subido, não estava o publico ainda satisfeito de suas demonstrações, e foi cada um dos actores chamado por sua vez, e entusiasticamente applaudido com immensos *bravos, vivas, palmas e flores*; as senhoras que guarnecião os camarotes acompanhavão estes applausos com os lenços que acenavão de todos os lados das quatro ordens; e só terminou esta scena depois de um quarto de hora, quando começou a apagar-se a iluminação do salão.

Hoje, sabbado, deve-se repetir o mesmo spectaculo, que é de esperar seja honrado com a presença de S. M. o Imperador e que tenha tão feliz execução como na primeira representação, attraihido, sempre que for annunciado novas enchentes, como tem acontecido com outras operas de merecimento.

Aquella de vós, leitoras, que ainda não assistiu a esta representação deve concorrer ao theatro, na certeza de ficar satisfeita, por mais difficil que seja de contentar-se de uma boa execução lyrica, ou de excellente expressão de paixões fortes.

Corina.

Maximas e Pensamentos.

A educação por um habil mestre pôde dar á alma de seus discipulos tanta preciosidade, como a escultura de um habil professor pôde dal-a tambem a um pedaço de marmore. A obra que se quier tirar de um marmore, já se contém envolvida nelle mesmo; mas só um habil escultor é que a pôde desentranhar ou desenvolver com perfeição! Isto mesmo se applica á educação, de que desgraçadamente se faz entre nós tão pouco caso.

Para desgraça dos homens e ruina das sociedades, não ha nada bom, justo, santo ou sagrado, de que a ambição, o egoismo de mãos dadas com a ignorancia ou com a malicia dos zangões não tenham luçado mão, e não tenham feito um abuso escandaloso!

Apezar que se diga que os homens não sabem nada (o que de certo modo é verdade); todavia não se poderá negar que comparados entre si, uns sabem mais (ou menos) do que os outros, e que ás vezes esta differença é tanta que não é possivel calcular-se.

(Fragmentos de Lucas José d'Alvarenga, 1830.)

Os pobres de espirito não tem só a esperanca de partilhar o reino do Céu, tem muitas vezes parte no imperio do mundo.

Frederico II.

A vida, como a flor, é mais bella dobrada que singela.

A paciencia é virtude em poucos e fraqueza em muitos.

Este mundo é a verdadeira Phenix que renasce das suas cinzas e se renova pela morte.

E' planta fragil, e sem duração, a virtude que não tem a sua raiz na religião.

A virtude consiste essencialmente na resistencia a nós mesmos.

M. de Maricá.

As charadas do n. 7 é a 1.ª Vela, e a 2.ª Arminho.

Acompanha este n.º 8 a musica de uma nova modinha Brasileira.

